TE 214
Atrizes Capixabas
BR.TBES.C.127
6
ATRIZES CAPIXABAS

A TRIBUNA
2º Caderno
Não pode ser vendido separadamente
Vitória, quinta-feira, 22 de setembro de 1977

Estréia peça de Bivar

Mariângela Pellerano e Vitorina Gonçalves são as prisioneiras de "Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro e o Sol da Manhã", peça de Antonio Bivar onde o autor reflete-se um pouco no "carcereiro", interpretado por Milson. Leia na p. 16

O livro de Maria Nilce

A jornalista Maria Nilce lança hoje seu novo livro, "Crônica de Uma Ilha (Muito) Doida", às 18 horas no Mario's, com anunciado coquetel para duas mil pessoas. Em "Panorama", Luiz Eduardo comenta o lançamento. (P. 19).

MARIÂNGELA, LENA, HELOÍSA E VITORINA:

As estrelas do teatro capixaba

Estrelas mesmo, e aqui só pode ser acrescentado o nome de Alcione Dias, que atualmente faz teatro infantil. Mariangela Pellerano e Vitorina Gonçalves - que estréiam hoje a peça de Bivar no Carlos Gomes - são também jornalistas, entre atividades menores. Heloísa Hoffman é a musa do já chamado "teatro frenético", que encena até tragédias com um humor muito particular. Lena Borges, que volta hoje ao Teatro Estúdio, surgiu em uma mostra de teatro, com a mesma peça que faz atualmente.

Mariângela: impossível fazer só teatro.

Mariângela Pellerano. Nasceu em Nova Almeida, onde estudou o primário. Durante este tempo participou da primeira peça, um texto para crianças: "A Bela Adormecida", no grupo Escolar Virgínio Pereira.

Na encenação do espetáculo, houve uma ocorrência pitoresca, que própria Mariângela narra, sorrindo: "Eu fazia o papel da "bela adormecida" e tinha naquela hora na qual a "bela" ficava encantada e dormia séculos e séculos. O elenco ia então no quintal e pegava um monte de folhas, que jogava em cima de mim. Eu estava lá dormindo, e eles jogaram as folhas. Enquanto uma pessoa narra "em off" a história, senti coceiras pelo corpo. Arriskei a dar uma olhadinha: estava coberta de formigas, aquelas grandes, saúvas. Dei um pulo e saí correndo do palco. Eu estava com um vestido de renda e as formigas entraram por ele".

A atriz veio para Vitória fazer o ginásio. Ingressou então na Escola Normal Pedro II. Durante este período entrou para um grupo teatral do Sesc. Participou da montagem de "Paulinho e o Anão Gigante". Esta peça foi apresentada em diversos colégio, com entrada franca. Depois foi mostrada no Carlos Gomes, isto antes da reforma Mariângela comenta: "As cortinas do teatro estavam bastante" rasgadas. Era uma cortina de cetim vermelho e a gente ficava olhando o público pelos buracos. Não tinha banheiro, não tinha nada".

Ainda naquela época, montamos também "A Bruxinha que era Boa", que foi também apresentada em vários colégios. Depois entrei para o jornal "O Diário" e frequentava o grupo de Milson Henriques".

Com Milson, Mariângela integrou o elenco de "O Mágico de Oz", e a encenação de "O Galo de Belém" (uma peça de Natal), de Walmyr Ayalla e "O Príncipe Encantado", de Gilberto Valadão.

Após ficar algum tempo afastada do teatro, Mariângela retornou ao palco em "Camélia por Amor" e, depois, "Alinhavo", de Toninho Neves, e "Papai Noel no Bangue Bangue", de Milson. Atualmente, a atriz participa do elenco de "Queimados" (em fase de ensaios) e de "Abre a Janela e Deixa Entrar o Sol e o Ar Puro da Manhã", de Antônio Bivar com estréia marcada para o dia 22.

EXPERIÊNCIA

— Qual a sua opinião sobre o teatro capixaba, após a inauguração do Teatro Estúdio?

— Eu acho que foi uma coisa boa a abertura de outra casa de espetáculos, porque se a pessoa possui uma peça pequena que não requer muito cenário pode ser apresentada muito bem ali no Teatro Estúdio. O local apresenta, no entanto, alguns problemas. Como, por exemplo, falta de espaço. Aquilo foi feito para ser um auditório, mas a Fundação Cultural resolveu transformá-lo em teatro. E, na falta de camarins, estas tiveram que ser improvisados. Além de outras coisas mais. Acho bom porém a existência do Teatro Estúdio pois qualquer grupo pode se apresentar ali.

— O que você está achando de seu personagem em "Abre a Janela ..." de Antônio Bivar?

— Gosto muito dela. Tem muitas coisas que se parecem comigo. Foi fácil eu me adaptar ao papel. A Heloneida é uma mulher muito só. De muita fantasia. Muito fresca. O clima da peça é meio absurdo e meio real. Eu conheci o texto há uns seis ou seis anos. Paulo Torre possuía o texto e queria montar. Então a gente ensaiou muito tempo, os ensaios estavam bastantes adiantados. Paulo Torre dirigia, Carmém Cô fazia Gony Porreta e eu fazia o mesmo papel que faço hoje. O Cherry interpretava o carcereiro. Mas, o Paulo Torre foi embora para o Rio de Janeiro. Então o espetáculo foi suspenso. E eu fiquei com o texto em casa durante longo tempo. E agora, em março deste ano, achei o texto que estava guardado lá em casa e falei com Milson Henriques. A Vitorina Gonçalves foi convidada para o papel da Gony Porreta, pois ela era ideal para o papel. Eu continuei interpretando Heloneida. No início tivemos um problema de direção e a peça foi adiada. Depois foi entregue ao Marien Calixte, em julho.

— Você acredita que, dentro de algum tempo, haverá condições de atores e atrizes capixabas atraírem público ao teatro?

— Acho que, dentro de algum tempo, haverá aqui em Vitória, atores e atrizes que poderão, com seus nomes, devido ao talento e a fama, levar um público certo às casas de espetáculos. Está havendo no momento muita movimentação, diversas pessoas querendo e fazendo muita coisa boa. Isto ocorreu após o curso de teatro ministrado por Toninho Neves. Muita gente nova e boa surgiu. Alguma coisa vem acontecendo daí em diante. Apareceram diversos grupos. E com a inauguração do centro de Arena, haverá ainda maior ambiente teatral em Vitória.

— E você poderia atualmente dedicar-se apenas ao teatro?

— Para mim é muito difícil. Das coisas que faço, teatro é o que mais gosto. Mas me sacrifico muito. Faço faculdade, trabalho o dia inteiro, fica muito cansativo. Mas pretendo continuar fazendo teatro, juntamente com outras atividades.

— E o que pretende fazer após "Abre a Janela..." ?

— Vou me apresentar no Carlos Gomes, na ópera "Noites Capixabas" cantando, ao lado de Vitorina Gonçalves. Não sei ainda, minha intenção é participar de apenas uma peça, que ainda não resolvi qual será. Fui produtora em "Abre a Janela" mas não pretendo mais exercer esta atividade. É uma verdadeira guerra. O mais difícil não é conseguir o dinheiro, o mais difícil é passar por certas barreiras. Além de muita não deixa muita responsabilidade. Pretendo continuar apenas como atriz. Pretendo também começar a escrever minhas peças e a primeira será um espetáculo infantil.

Lena: Não posso sonhar alto

Lena Borges. Nasceu em Vitória. Estudou no Ginásio Maria Ortiz e no Colégio Estadual. Atualmente faz o 7o. período de Administração da UFES.

Participou de diversas peças infantis no Ginásio Maria Ortiz. Porém, ao ingressar no Colégio Estadual, passou a se dedicar mais aos esportes.

Na época da I Mostra de Teatro Universitário, foi convidada pelo diretor José Luiz Gobbi para integrar o elenco de "O Auto da Alma", mas quando ficou sabendo que teria de participar da peça, pois o elenco já estava completo.

Na II Mostra de Teatro Universitário, o mesmo diretor a convidou para encenar "Como Conquistar um Coronel sem Fazer Força". Neste espetáculo Lena Faz o papel de Fernanda, que considera uma excelente personagem. "É uma pessoa cínica, amorosa, histérica, é uma mulher quase completa. Ela tem uma meta, ter uma vida bastante folgada, sem preocupações. E sua intenção era arranjar um coronel para sustentá-la".

Segundo Lena, como experiência teatral seu papel foi ótimo, pois abriu um campo muito grande na dramaturgia.

O diretor Gobbi mostrou o texto para atriz ler. E ela gostou porque se tratava de "humor absurdo, um tipo de absurdo que a gente acaba aceitando. Além disso, sendo uma peça de Milson Henriques, só poderia ser coisa muito boa. E a nossa meta foi alcançada". Lena Borges recebeu o prêmio de melhor atriz na II Mostra de Teatro Universitário, por sua interpretação em "Como Conquistar . . ."

— Houve alguma modificação no ambiente teatral capixaba após a inauguração do Teatro Estúdio?

— Está havendo muito mais interesse por teatro. E muita gente nova surgindo. Vitória precisava mesmo de outro local, além do Carlos Gomes, mais descontraído, um lugar para que as pessoas que geralmente se mostram esquivas possam aparecer. O Teatro Estúdio está mostrando que Vitória tem público. O que está faltando é peça. Para quem quer começar no Teatro, eu acho ótimo o Teatro Estúdio. O local está movimentadíssimo, abriu um campo enorme para quem queria se projetar porque o Carlos Gomes, com aquela pomposidade, impede vôos mais altos dos atores. Em Vitória existem muitos diretores, atores, atrizes, cenógrafos e outros artistas só estava faltando um lugar para apresentações. E o Teatro Estúdio é aconchegante.

— Você vê condições dos atores e atrizes capixabas se profissionalizarem?

— Creio que existirão condições para profissionalismo dentro de algum tempo. Isto porque depois da inauguração do Teatro Estúdio e a próxima fundação do Teatro Arena, mostram que Vitória será um excelente centro para as atividades teatrais. E tem surgido diretores talentosos, e alguns atores e atrizes começam a se sobressair, levar público à bilheteria de espetáculos, o que antes não acontecia.

O que você pretende fazer após o término da temporada de "Como Conquistar um Coronel Sem Fazer Força"?

— O Milson, logo depois que terminou a apresentação do "Coronel" na II Mostra, no Carlos Gomes, me convidou para participar do elenco de "Queimados" de autoria do próprio Milson e de Amylton de Almeida. Aceitei. Faço diversas personagens: lavadeira, policial, escrava, madame. A peça não tem personagem fixo. Vou sair de uma peça humorística ("Coronel") e vou entrar num espetáculo dramático. Isto representa uma mudança, um salto. Para mim tudo é novidade. É mais experiência, um trabalho novo. A gente vai ter oportunidade de descobrir se tem queda ou não para a arte dramática.

— Quem são os atores, atrizes e diretores capixabas que você citaria como futuros atrativos para levar público ao teatro?

— Creio que dentro de algum tempo, teremos aqui atores e atrizes que poderão atrair um público certo ao teatro. A gente sente que já existe algo a nível nacional, uma movimentação diferente da que havia há algum tempo. Muita gente foi e será indo à peça "Como Conquistar um Coronel sem Fazer Força", para ver o Gobbi dirigindo e atuando. Outra atriz Fanny Bianconcini, também passou a atrair público ao teatro. Em "Um Tango Argentino", fez sucesso. Depois, participou de "O Noviço", na II Mostra de Teatro Universitário. E, neste espetáculo, muitos foram ao Carlos Gomes motivados por suas pernas em cena. Renato Saudino tem muita experiência em teatro. É um excelente ator e diretor. Heloísa Hoffmann, que foi muito elogiada em "Estátuas Humanas" e agora em "Deixa a Janela Aberta". E Lena Borges também vem fazendo uma brilhante carreira.

— E no futuro, o que pretende fazer?

— Penso adquirir bastante experiência para partir para algo mais elevado. Não posso, por enquanto, sonhar muito alto.

Heloísa: quase uma atriz de tevê.

Heloísa Hoffman nasceu em Vitória. Estudou no Colégio Americano. Fez vestibular de Medicina. Depois, frequentou cursinho no Colégio Salesiano. E, em seguida, paralisou seus estudos.

Ainda criança, Heloísa interessou-se por teatro, participando de duas peças infantis, no Colégio Americano nas quais interpretou o papel de coelho e de boneco.

Em 1970, trabalhou em três mostras de teatro. E Milson Henriques, gostou dessa atriz de teatro. E admirou em 1974, quando encenou um grupo em Vila Velha juntamente com Jair Cardoso. O grupo, que foi chamado de União e Difusão de Cultura — Teatro (UDC), montou uma peça, "Sombra do Desespero", que não chegou a ser apresentada por falta de material humano. Então a equipe dissolveu-se.

A seguir, Heloísa Hoffman integrou o elenco da peça "O Triângulo Escaleno", de Silveira Sampaio, dirigida por Assis Pandona, na Escola Técnica. Porém, novamente resolveu desistir.

Voltou-se então, exclusivamente para as artes plásticas, que vinha se dedicando há muito tempo. Segundo a atriz, suas pinturas são impressionistas e surrealistas e já expôs na galeria de Efy Carvalho, além de ter participado, com u ma mostra, na VI Feira dos Municípios.

Heloísa pretende continuar se dedicando à pintura e provavelmente participará de uma coletiva de artistas capixabas no final do ano, no Centro de Artes Homero Massena.

O próprio Darcy Barbosa me incentivou a voltar ao teatro na peça "Estátuas Humanas", dirigida por ele.

PRESENÇA

— Por que você se interessou em participar da peça?

— Sim, eu gosto muito do gênero dramático. Gosto de fazer papéis dramáticos. E aquela personagem me interessou muito. Belinha era neurótica, alcoólatra. A direção de "Estátuas Humanas" foi muito boa. A peça era realmente um dramalhão. E foi apresentada como um dramalhão.

— E quanto a sua participação em "Deixa a Janela Aberta"?

— Eu estava no camarim, durante a peça "Estátuas Humanas", quando Cledson de Paula me procurou e disse: "Heloísa, você vai ser a Lana Forester, de "Deixa a Janela Aberta". Não pode ser outra. "Ele ainda falou que me escolhi porque eu fazia o tipo exato, e que tinha presença no Palco. A direção de Renato Saudino foi excelente, ele é muito bom diretor de atores, muito criativo. Antes eu havia conversado com Luiz Palma a respeito da peça. Eu disse que a Lana Forester não era o personagem principal, mas ele explicou que a peça girava em torno de Lana. Então aceitei. Lembro da frase de Luiz Tadeu Teixeira: "Não existem grandes nem pequenos papéis. Existem grandes e pequenas interpretações"

— Como você vê o teatro capixaba após a inauguração do Teatro Estúdio?

— Melhorou bastante o ambiente teatral de Vitória, além da Fundação estar cooperando mais. O pessoal está mais ligado ao teatro. E o público tem prestigiado: esta peça, por exemplo, "Deixa a Janela Aberta", poderia ficar em cartaz por uma semana. Mas, ela deverá retornar em outubro, a pedido. Muito fazem teatro por passatempo, porém existe muita gente que está levando a coisa a sério.

— E depois de "Deixa a Janela Aberta", o que pretende fazer?

— Pretendo continuar seriamente minha carreira no teatro. Mas é difícil a gente se profissionalizar porque ninguém quer investir dinheiro na arte dramática. E só podemos contar com a Fundação Cultural e o dinheiro da gente mesmo. Não existe empresariado para este tipo de arte. Acredito no futuro, que o teatro em Vitória tende a melhorar sempre, com oportunidades para que a gente ao terminar uma peça, tenha outra para ensaiar em seguida. E também condições para que o espetáculo fique em cartaz enquanto houver público, como aconteceu com "Chuva de Sorrisos". O ideal, portanto, seria a peça ficar uma semana inteira no palco. Mas minha intenção é continuar em Vitória só até o final do ano.

— Lançamento de "Melão Vermelho", de José Luiz Gobbi. Pretende fazer um curso de teatro em São Paulo.

— Por que São Paulo?

— Porque lá há muito mais campo para a gente se profissionalizar. É muito mais rápido. E como sempre vou a São Paulo, certa vez montei um convite de Dionísio Azevedo para fazer uma obra para a televisão. Seria um tipo de [illegible], mas bem cortes. Aconteceu que o Dionísio não achou produtor, a ovelha o projeto ficou [illegible]. Seria para o Canal 2.

Vitorina: versatilidade e esperança.

Reportagem de Fernando Tatagiba.

Vitorina Gonçalves, nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, onde aos sete anos iniciou suas atividades artísticas na única emissora local, participando de um programa infantil da ZYL9, Rádio Cachoeiro, dirigido pelo animador Bernardino Pim.

Já adolescente, Vitorina integrou a programação especial "Prata da Casa", ao lado de nomes como Roberto Carlos, Jairo Maia, Lita Vieira, Darlene Glória e outros. Em 1966, fez diversas apresentações no Rio e São Paulo, nas TVs Rio e Tupi, e num programa de calouros da Rádio Nacional animado por Paulo Gracindo. Em Cachoeiro, foi escolhida " a melhor cantora " da cidade, recebendo prêmios "Hors Concurs". No Rio, apresentou-se nos programas "Onde de Jair", "Festa do Bolinha", "Discoteca do Chacrinha", "Grande Chance". Fez testes na Gravadora CBC, e recebeu convite para cantar em Boston, EUA.

Em Vitória, recebeu convite de Milson Henriques para integrar o show "Sem Compromisso", apresentado em outubro de 75 no Teatro Carlos Gomes. Antes disso, ela já se apresentava em casas noturnas da capital. Através de Milson Henriques passou a fazer teatro. Neves em "Alinhavo", os diretores Antônio Carlos chieta , Depoimento", Milson Henriques em "An Noel no Bang-Bang", e, atualmente, trabalha com Marien Calixte em "Abre a Janela e Deixa Entrar o Sol e o Ar Puro da Manhã", cuja estréia está marcada para o dia 22.

Formada em História pela Faculdade de Filosofia de Cachoeiro, e em Técnicas Comerciais pela UFES e é professora da Escola Polivalente de Itaparica. Considera importante o trabalho que vem sendo desenvolvido pela Fundação Cultural na atual administração, citando como exemplos os Cursos de Teatro, o "Teatro Infantil às Quartas" e a série "Noites Capixabas", na qual participará em dezembro.

Atualmente, é jornalista, trabalhando em "A Tribuna".

PERSISTÊNCIA

— Houve alguma modificação no ambiente teatral capixaba após a inauguração do Teatro Estúdio?

— Com a abertura do Teatro estúdio da Fundação Cultural, os artistas da terra podem mostrar o seu valor participando de inúmeros cursos coordenados atualmente por Ester Mazzi, e possuem um local adequado para seus ensaios e apresentações. Também a Fundação Cultural auxilia esses novos valores para a montagem de suas peças que soam como um desafio, mas mostra-se num avanço especial para a arte generalizada de um Estado.

— Você pretende continuar a carreira de atriz?

— Por não conseguir conciliar minhas atividades jornalísticas com o Teatro, uma vez cheguei a desistir dessa arte. Depois vieram novos convites e atualmente não pretendo parar. Tenho ainda por fazer a peça de Milson Henriques e Amylton de Almeida, "Queimados", ainda para este ano.

— Alguns atores e atrizes poderiam, apenas com seus nomes, levar público ao teatro?

— A prova disso pode ser observada com as apresentações do diretor e ator Milson Henriques, um caso único em nosso meio teatral. Ninguém pode esquecer de "Um Doutor na Família", "Camélia por Amor" "Da Como Conquistar um Coronel sem Fazer Força". Se bem que há possibilidade para todos, dificilmente o público capixaba sairá de suas casas para assistir em massa a um espetáculo assinado com um só nome. Para isso é preciso que vários valores se reúnam para se conseguir uma casa cheia.

— O que você pretende fazer depois da temporada de "Abre a Janela e Deixa Entrar o Sol e o Ar Puro da Manhã"?

— Vou me apresentar como cantora, ao lado de Ester Mazzi, Mariângela Pellerano, Fátala Pretti Murad, Ione Mercone e com participação especial de Milson Henriques, e outros. Farei minha noite capixaba — uma promoção de Rogério Coimbra — no dia 20 de dezembro no Teatro Carlos Gomes. Será o último programa do ano.

ARQUIVO PÚBLICO ESPÍRITO SANTO